

Freud e os Bandeirantes

Tudo começou com a leitura de um artigo no jornal *O Estado de S. Paulo* sobre os sonhos, feita por um estudante de Medicina. O artigo “Do delírio em geral”, do professor Francisco Franco da Rocha, foi publicado em 20 de março de 1919 e extraído da aula inaugural de sua cátedra na Faculdade de Medicina de São Paulo. O estudante era Durval Bellegarde Marcondes, em seu primeiro ano acadêmico.

Este artigo chamou a atenção do então estudante de Medicina pelo fato de abordar os sintomas e também os sonhos como fenômenos psicológicos. Se, na Europa dessa época, a Psicanálise encontrou muita resistência dos médicos e, especialmente, dos psiquiatras, no Brasil não foi diferente. Mesmo assim, aqui no Brasil também houve exceções à regra de resistência à Psicanálise. Franco da Rocha foi o primeiro médico psiquiatra de prestígio científico e social que se pronunciou publicamente a respeito da Psicanálise.

Mais ainda, Franco da Rocha não foi um simples divulgador da Psicanálise. Ele deu um lugar central à Psicanálise como sendo um avanço terapêutico e científico de sua época. Tanto é que introduziu a doutrina freudiana nas suas aulas. Na aula inaugural de 1919, demonstrou uma compreensão muito depurada da Psicanálise como a ruptura do normal e do patológico que foi explici-

tada pela analogia dos dois modelos: o patológico (delírio) e o normal (sonho).

Embora o assunto central tenha sido o delírio, houve um esforço explícito de estabelecer uma continuidade entre o normal e o patológico, ferindo mortalmente um princípio constitutivo da Psiquiatria. Esta mesma continuidade também ocorreu na segunda metade desta aula inaugural em que, baseado em uma obra de W. Stekel, Franco da Rocha reúne o poeta, o neurótico e o criminoso como tipos que apresentam três denominadores em comum: a incapacidade de amar, o sonho de grandeza e os instintos fortes.

Se nestes três tipos existe um componente sexual determinante, também nos demais homens “sempre reverte, consciente ou inconscientemente, em satisfação do instinto sexual” (Franco da Rocha, 1967 (1919): 136). Nestes termos, dá o devido peso ao sexualismo ou doutrina pansexualista de Freud.

Enfim, a publicação dessa aula inaugural despertou a curiosidade do jovem estudante de Medicina pela Psicanálise. Em parte, isso se deve ao caráter bem-informado de Franco da Rocha, que tanto demonstrou ter um conhecimento da doutrina de Freud (Stekel, Adler) quanto da literatura (Goethe), da filosofia (Nietzsche, Schiller) e da Psiquiatria dessa época. Juntou-se ao peso da autoridade profissional e científica de Franco da Rocha o lado intelectual de exame crítico das duas “escolas” em questão: a psiquiatria e a psicanálise.

A importância dada à Psicanálise constituiu-se em um motivo para Franco da Rocha escrever um livro, *A doutrina pansexualista de Freud*, que foi publicado em 1920. Nesta obra, encontramos uma espécie de interpretação livre da teoria psicanalítica, em que existe um destaque à aclimação dos aspectos mais espinhosos, para os leitores, do ponto de vista dos preconceitos morais e religiosos vigentes nesta época.

É preciso mencionar que a sexualidade e a mente inconsciente foram temas-tabu, sobre os quais pesou um silêncio ubíquo ou uma proibição religiosa declarada. Portanto, o interesse de Durval Marcondes pelos assuntos desenvolvidos por Franco da Rocha foi um ato de coragem e busca de verdade científica. No entanto, não passava ainda de um estudante de Medicina e preci-

sou esperar terminar todo o curso de graduação de Medicina antes de poder definir-se e começar a dedicar-se somente à área de seu interesse.

Durval Marcondes não teve a oportunidade de ser aluno de Franco da Rocha, pois este se aposentou no ano anterior ao que aquele se matriculou no último ano de formação acadêmica, quando freqüentava a cadeira de Neuropsiquiatria. Mesmo não tendo um contato direto, o impacto da novidade científica promovida por Franco da Rocha foi muito grande no estudante de Medicina. Em ensaio sobre a história da psicanálise em São Paulo, Luiz de Almeida Prado Galvão relatou: "(...) o jovem estudante percebeu que uma compreensão revolucionária estava contida nas investigações freudianas; a corda de sua curiosidade científica aliada a seu entusiasmo juvenil foi vibrada; e assim de imediato tornou-se assinante do *International Journal of Psychoanalysis*" (Galvão, 1967: 48).

Ao contrário de Franco da Rocha, que apenas se dedicou a estudar a psicanálise, Durval Marcondes foi mais adiante nesse percurso científico e profissional. Em 1924, formou-se médico e seu interesse profissional e científico já estava firmado: a clínica psicanalítica. Abriu um consultório particular, onde passou a praticar a psicanálise, de forma autodidática, e teve todo o apoio do professor Franco da Rocha, que já se encontrava aposentado da faculdade. Teve oportunidade de trocar idéias e contar sua experiência clínica para Franco da Rocha. Os pais de Durval Marcondes moravam bastante próximos do professor aposentado, e "ele era pessoa de relações de minha família" (Marcondes, 1979: 85). Eles se encontravam e conversavam sobre o tipo de atendimento clínico feito por Durval, que era baseado no que conhecia da Psicanálise. Inclusive, Franco da Rocha chegou a encaminhar pacientes para o consultório particular de Durval.

Nessas ocasiões, Franco da Rocha ficou espantado com a nova forma de atender os pacientes. "Eles contam sonhos para você?", perguntando e arregalando os olhos para a resposta afirmativa. Ao mesmo tempo, lamentou-se de não ser mais novo para também se lançar neste empreendimento científico: "Ah, se eu tivesse vinte anos..." Franco da Rocha já se considerou "muito

doente e já idoso” para iniciar um empreendimento tão ousado e sacrificado naquela altura de sua vida. (Carta de 8 de agosto de 1926.)

Exceto evidência histórica contrária a essa constatação, o consultório particular de Durval Marcondes constituiu-se na primeira clínica psicanalítica no Brasil e, quem sabe, na América Latina. Além do mais, teve longevidade, sem qualquer interrupção, num período em que não teve pares e lutou muito para manter ativa sua clínica e conquistar credibilidade científica/profissional, no contexto local e internacional.

Em abril de 1924, foi contratado como médico psiquiatra na Inspeção de Higiene Escolar e Educação Sanitária, da Secretaria de Educação de São Paulo. Além deste emprego público, Durval Marcondes narrou que trabalhou em hospital psiquiátrico, mas não deu referência de data, embora tivesse dado indicações de ter sido nesta fase inicial de sua carreira que se confrontou com médicos psiquiatras formados há mais tempo que lhe chamaram a atenção por ficar conversando (ou, melhor ainda, jogando conversa fora) com os alienados, nos pátios do hospital.